

ISBN-13: 978-987-27772-2-5

Título: Actas del I Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas

Editorial: Investigaciones en Artes Escénicas y Performáticas

Edición: 1a Ed.

Fecha publicación: 8/2012



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-CompartirIgual 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/).

BRASILEIRICES DO CORPO

uma pesquisa sobre si

****Eleonora Gabriel***

Há mais de três décadas como pesquisadora sobre danças brasileiras na Universidade Federal do Rio de Janeiro e em outros espaços pedagógicos, tenho a missão e o prazer de sensibilizar corpos brasileiros a se reconhecerem brasileiros, cheios de arte, cultura e brasileirices. A idéia desta *performance-taller* é proporcionar um momento de reflexão sobre a corporalidade histórica-cultural através da vivência de danças populares. Através da vivência física e, por isso, emocional, cultural, espiritual, cheia de histórias do dia a dia e ancestrais. Pura corporalidade! Nosso corpo, nós, nossa presença concreta no mundo, na vida. Só uma constatação óbvia, não é?

Experimentando danças e suas simbologias pretendo falar sobre a importância, poderia dizer, política, da valorização das culturas populares na construção do conhecimento oficial criado nas Universidades. Se eu não tivesse sido sensibilizada na minha formação universitária, em Educação Física, a essa sabedoria, a essa cultura que de tão íntima não valorizamos como tal, possivelmente eu não estaria aqui hoje, refletindo sobre a valorização de cada um de nós como criadores e o que isso pode significar na construção de pessoas mais críticas, guerreiras, sem perder as raízes e por isso, sem perder a ternura.

Falar de dança popular é contar histórias das pessoas, espaços e tempos. É olhar a pluralidade de encontros (desencontros também) de povos que expressam suas corporeidades, subjetividades e concretudes, em festas, em danças, para não esquecer quem são. Memória em movimento, em eterna construção, dinâmica, cheia de símbolos e sentires e, de alguma forma, presente na vida de todos nós.

Falo de expressões humanas que vem de casa, da rua, das ascendências que passam de mão em mão, de boca em boca e nos constituem como sabedores de algo, que se fosse ouvido, visto, tocado, saboreado em seus gostos e cheiros pelas instituições de ensino, o caminho do conhecimento seria perfumado de brasilidade, argentinidade, de identidade de todos nós. Homens e mulheres de todas as idades que criam “performances”, até para poder entender a própria vida. Representação e reflexão de idéias, e a conseqüente criação cênica do que se vive e do que se quer dizer, marcando identidades, criando corporalidades. Um misto de esquecimento e lembrança que nos

faz performáticos, em processo de completude, executantes de um "ritual em ação", termo usado por Victor Turner, citado por Barbosa e Teixeira. (2000:124). Duvignaud tece comentários sobre a atitude estética da Arte encontrada em diversos tipos de sociedades, definida como "ilustração voluntária da vida cotidiana". A idéia de um grupo mirar-se num espelho,

[...] um instrumento de exaltação, de contentamento, de conforto, de solidificação e de confirmação na sua própria existência, no seu destino [...] uma sublimação pessoal da vida particular, do estabelecimento de uma proteção que dá ao grupo a certeza de se manter mesmo (e sobretudo) quando ameaçado por outros grupos ou, simplesmente, condenado pelo tempo (Duvignaud, 1970:62).

Milton Singer fala que as performances culturais são representações que o grupo se dá a si mesmo, que permite agrupar sob este rótulo práticas como os ritos, festas, cerimônias, danças etc. (apud Pavis,2001:143). Organizadas pelas sociedades e expressas através das manifestações de dança, música e teatro, parecem retratar um mundo de devaneios, um mundo do *Homo Demens*, conceito proposto por Morin, que entende o homem como o ser que: "se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo cujas relações com o mundo objetivo são incertas, um ser sujeito ao erro e à vagabundagem, um ser híbrido que produz desordem [...]" (apud Barbosa e Texeira, 2000:120). Em festa.

A festa, o culto, como um jogo humano, que dá satisfação a todo o tipo de ideais comunitários. Um universo próprio de valor temporário, com efeitos que não cessam depois de acabado o jogo. "[...] seu esplendor continua sendo projetado sobre o mundo de todos os dias, influência benéfica que garante a segurança, a ordem e a prosperidade de todo o grupo até a próxima época dos rituais sagrados" (Huizinga,2001:17). Um tesouro a ser conservado pela memória.

Graziela Rodrigues fala da memória dos afetos, os corpos que se movem por uma forte lembrança ancestral. A cada momento do presente o passado é resgatado e ao futuro interliga-se, resistindo às dificuldades quando o corpo junto com o "outro" - o da memória afetiva - realiza o movimento que se duplica pela força da manutenção. A dança exerce a função de revivificar a memória, construindo-se a partir dos próprios sentidos da festividade. A emoção, o arrebatamento perante os fenômenos da vida e da natureza que inspiram a capacidade criadora, elevam o homem à expressão poética e à arte (1997:19-20). À performance.

Mesmo sufocados num supermercado cultural da aldeia global (Hall, 2002) e

sob constante, profunda e sutil colonização cultural, a essência do signo presente nas performances dos povos, não desaparece e necessita continuar existindo como mediação do homem com sua história, dinamizando as culturas, para promover comunicação, criar linguagem. Buscamos completude e precisamos de um sistema de signos, que expressem nosso sentir, pensar e agir, muitas vezes, interagindo eras, tradição e contemporaneidade. Como um corpo que viaja no tempo e no espaço sob forma de signo, que se descasca ou não, mas a essência não desaparece, transfigura-se, inscreve-se com outra forma, sem perder o poder de ser. A mediação simbólica faz o homem ser e ter significado, identidade. Em algum canto de recordação ela sempre permanecerá esperando o momento de ressurgir, talvez com outra presença, mas sempre existente, resistente, persistente. “O signo é uma fratura que não se abre nunca senão sobre o rosto de um outro signo” (*Le signe est une fracture qui ne s’ouvre jamais que sur le visage d’un autre signe*. Barthes, 1970:72, tradução prof. Latuf Isaias Mucci).

Revelar este potencial identitário, tatuado nos nossos corpos performáticos, através da lembrança das histórias de origem e dos locais de cada um e como isso está, ou não, presente hoje, é um dos objetivos deste nosso encontro. “Revelar corporalidade(s)”, daquelas mais profundas e gostosas de serem descobertas, reconhecidas, “boas e ruins”, originais e impostas, mutáveis... quase sempre divertidas e muito intensas. Narrativas que constroem memória.

Como parte de uma Universidade que forma profissionais para atuar no mundo, mundo real, nós da Companhia Folclórica do Rio-UFRJ, um projeto que criei e vivo desde 87, temos incentivado os alunos dos cursos de Educação Física e Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro e outros ambientes educacionais e artísticos a realizar uma pesquisa nas suas origens, suas vivências, comemorando (trazendo à memória) suas passagens na vida, sobretudo cantando, dançando, tocando, brincando, ontem e hoje, apreendendo tradição e sua dinâmica, na contemporaneidade. É surpreendente como a **PESQUISA SOBRE SI** (como batizamos este mediador, que simplesmente é um incentivo através de proposta de pesquisa sobre a história de origem de cada um e de familiares) nos aproxima do entendimento de sermos criadores de cultura. Poder (re)conhecer, sentir, vivenciar, avaliar a cultura local se faz um grande instrumento de luta e cidadania. Temos observado que as pessoas (nós também) se surpreendem com tantas expressões que não valorizavam em suas histórias e dos lugares em que nasceram ou vivem. E mais, começam a ser guardiões, agentes de cultura que cuidam dessa memória. Segue em anexo ****PESQUISA SOBRE SI**, para ser

reinventado por cada um de nós.

Há 25 anos a Companhia Folclórica do Rio-UFRJ, é um projeto acadêmico, representativo da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, que desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão sobre as expressões de dança, música e teatros folclóricos brasileiros. A realização de espetáculos sobre esses temas e a organização de eventos como: a RODA CULTURAL-roda de tambores aberta a comunidade em geral realizada no campus; o CICLO DE CINEMA E IDENTIDADE-exibição de filmes temáticos e posterior debate; ENCONTRO COM MESTRES POPULARES NA UFRJ-projeto premiado pelo Ministério da Cultura-BR que proporciona a UFRJ o encontro com mestres populares e seus grupos tradicionais, que oferecem oficinas e discutem sobre assuntos pertinentes a suas reivindicações e o FESTIVAL FOLCLORANDO-mostra de trabalhos realizados por crianças e adolescentes desenvolvidos em escolas e projetos sociais; têm mantido a Companhia como referência nos estudos sobre danças populares brasileiras em todo o Brasil. São docentes, funcionários (ex-alunos) e alunos de várias áreas de formação acadêmica da UFRJ que atuam como pesquisadores, artistas e agentes culturais. Como muitos são professores na rede de ensino e projetos sociais do Rio de Janeiro são multiplicadores desses ideais de reunir harmônica e ludicamente Educação, Cultura e Arte. Vivenciando os saberes populares aprendemos a admirar a diversidade cultural e temos trabalhado em prol da tolerância. Sempre com muita dança, música e alegria.

Como todos sabem, a diversidade é o mote atual das discussões sobre Cultura, em todo mundo. Em 2005 é adotada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura- UNESCO, a Convenção Mundial da Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais, propondo que os países tenham autonomia para elaborar, implementar e incentivar políticas culturais próprias, tentando assim equacionar os desafios trazidos pelo processo de globalização. O tratado, já ratificado em 2006 por diversos países, inclusive o Brasil e outros países do Mercosul, é dedicado à garantia dos direitos de expressão da diversidade. O documento traz como uma das estratégias: incentivar, proteger e valorizar a diversidade artística e cultural e se refere a cultura popular, como patrimônio, iluminando os modos de vida, pertencimentos e sentidos expressos em cultura simbólica, ritualística e rica em linguagens artísticas de raízes ancestrais. Cabe a nós cobrar das entidades responsáveis e fazer a nossa parte. Na busca do local, nesta efervescência cultural que tende a massificação, não seriam as universidades, sobretudo, as públicas, instrumentos importantes nessa construção identitária?

Cascia Frade, pesquisadora da cultura popular, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro ensina: “A abertura dos vetustos portais de organizações acadêmicas as expressões populares é interpretada pelos artistas populares como valorização, aceitação, legitimação de seu saber, conferindo status”. E complementa dizendo que: “para a universidade, acolher o conhecimento que se instaura distante dela soa como uma oportunidade de repensar suas práticas, de assumir uma postura crítica frente à busca do tão propalado conhecimento científico” (Frade, 2006:13).

Abrir as portas da Educação para a cultura, tradicional e contemporânea, da comunidade que faz parte, é estar interagindo, interpenetrando, transgredindo e criando uma Escola viva. “A escola necessita escorrer para a rua. Por sua vez, a rua quer e precisa invadir a escola.” diz Carlos Henrique Martins e continua descrevendo a situação mais comum:

“*Grosso modo*, é como se a cultura estivesse contida em uma mochila que devesse ser deixada na porta da escola e, ao ultrapassar os seus muros e portões, o aluno tivesse de abandonar sua bagagem de conhecimentos e estivesse apto a receber outros novos que nem sempre lhe dizem respeito ou despertam seus interesses[...]. Há um enorme potencial cultural trazido pelos alunos e que é silenciado por conta da necessidade, ou até mesmo da obrigatoriedade que a maioria dos professores têm em cumprir com exigências institucionais relacionadas aos conteúdos voltados para a série e para as disciplinas específicas.” (Martins, 2005:57 e 53).

Quando uma Universidade incentiva em seus currículos a valorização das expressões multiculturais que colorem nossos jeitos de ser, pensar e agir, demonstrando a necessidade de falarmos de inclusão, de diversidade, de educar para a diferença natural de tantos povos que compõem o povo brasileiro e de tantos outros países, abre possibilidades de traçarmos Arte e Cultura Popular na Educação, pensando em identidades e cidadania. Essa pluralidade cria arte, cultura, solidariedade, regras de convivência, ética, pertencimento, auto-estima, respeito à riqueza patrimonial identitária, com cara de Brasil, que precisa entender-se valorizado para enfrentar o maravilhoso e perigoso mundo globalizado, com cara de Brasil. Acredito que para qualquer outro país em desenvolvimento. A questão é como as escolas de todos os níveis e outros espaços de educação podem incluir toda esta criação e recriação em seus conteúdos, disciplinas e projetos pedagógicos.

O educador e antropólogo brasileiro Carlos Rodrigues Brandão afirma:

A educação que tanto revê os seus currículos ganharia muito em qualidade se[...] ousasse reencontrar um sentido menos utilitário e mais humanamente integrado e interativo em sua missão de educar pessoas.[...] Ensinar a pensar e sensibilizar o pensamento entretecendo a matemática e a música, a gramática e a poesia, a filosofia e a física. Um outro passo estaria na

redescoberta do valor humano e artístico das criações populares[...]o que importa é reaprender com a arte, com o imaginário e com a sabedoria do povo – dos vários povos do povo – outras sábias e criativas maneiras de viver, e de sentir e pensar a vida com a sabedoria e a sensibilidade das artes e das culturas do povo. (Brandão, 2005:22).

As danças populares, como expressão de corporalidades, têm o grande valor de “aceitar” a diversidade dos corpos, cada um dança como pode, mesmo que obedecendo as regras que orientam cada tipo de manifestação. Interpretar as danças e outras expressões artísticas da cultura popular está longe de ser um ato de imitação. Quando temos esta missão o desafio é “encarnar” aquele ser cultural que se representa através da arte, com uma corporeidade histórica e social, cheia de símbolos. Para sermos intérpretes dessa alteridade precisamos ter a disponibilidade à pesquisa do outro e de si mesmo, encontrando pontos de encontro e desencontro que nos levem a satisfação de contar uma história através do corpo. O que era uma observação e reprodução se transforma em subjetividades individuais que conspiram coletivamente. É muito divertido!

Deste lugar de artista, amante e pesquisadora das artes populares, professora universitária e mulher brasileira trago para nós, nesta *performance-taller* algumas questões, dançando. Isto é, poder utilizar o que a criação dos povos, nós mesmos quando nos deixamos ser brincantes mesmo nos momentos mais sérios, me ensinam dançando a vida.

Os povos latinoamericanos têm nas suas histórias muitas similaridades. Povos indígenas que sofreram e sofrem agressões e muitos foram dizimados por povos estrangeiros, que vieram de vários lugares do mundo trazendo mão de obra de africanos escravizados que foram arrancados de suas terras. Gentes de todo mundo com diversas intenções. Ditaduras, revoluções militares e populares. Fatos que, muitas vezes, foram tornados invisíveis ao gosto do dominador. As nações modernas, indiscutivelmente, são híbridos culturais, diz Hall(2002) . A construção das culturas nacionais, geralmente, se faz através da hegemonia de uma cultura sobre outra(s) e, muitas vezes, pela força bruta e/ou moral. Segundo Renan, citado por Hall (*idem*), temos que esquecer certas lembranças, para forjarmos uma identidade, uma nação. Talvez um simulacro construído de memórias do passado, pelo desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar a herança que se recebeu. As culturas nacionais costuram as diferenças tentando criar uma identidade.

Seja assim ou de outra forma que se queira vislumbrar, e segundo Gellner: "A

idéia de um homem sem uma nação parece impor uma grande tensão à imaginação moderna [...], sem um sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva” (apud Hall, 2002).

Muitos pensadores não pensam ou idealizam a "unidade" brasileira como homogênea, muito pelo contrário, o hibridismo de nossa cultura cria riqueza e dinamismo à nossa identidade nacional e a todos os produtos que inventamos. Apreciando o panorama cultural brasileiro, podemos notar que os encontros étnicos em nosso país criaram interlocuções muito interessantes que, de alguma forma, se mostram resistentes, apesar de tantas repressões e desvalia; principalmente, por terem um valor social considerável que organiza, chama à participação e integra as comunidades e, sobretudo, por nos darem um colorido potencial criativo, e artisticamente rico

No Brasil temos, agora, leis estipulam a obrigatoriedade do estudo da cultura africana e afro-brasileira e indígena nos currículos escolares, no Brasil. Ainda temos muito que caminhar, pois os professores que estão em sala de aula hoje não receberam estas informações e incentivo a essas pesquisas. As Universidades precisam buscar esse conhecimento e trazer para seu quadro de docentes os mestres populares que dedicam toda uma vida a repassar suas sabedorias.

Hoje temos por volta de duzentas povos e línguas indígenas no Brasil, apesar de toda tentativa de dizimação. Esta parte tão importante da nação brasileira está se organizando, inventando suas escolas bilíngües, valorizando, reavaliando e ensinando suas culturas a suas crianças e cada vez mais lutando por direitos enquanto cidadãos brasileiros. Nos últimos dez anos, políticas públicas têm favorecido comunidades indígenas e quilombolas (remanescentes de africanos escravizados), sobretudo com questões e leis ligadas a demarcação de terras. Javier Lifschitz fala das identidades étnico-territoriais reforçadas nessas ações afirmativas. Várias comunidades começaram a se entender fazendo parte desses povos como um fenômeno de adesão étnica. Os signos de etnicidade tomaram uma outra valoração, pois começaram a ser entendidos para o Estado como uma espécie de comprovação histórica desse pertencimento “ as marcas de identidade vêm reaparecendo como sinais de sentido contrário, testemunhando a persistência de povos indígenas e a emergência de outros considerados extintos” (Lifschitz, 2011:82) .

Oportunismo? Talvez de alguns, mas sem dúvida começou a haver um outro entendimento de si e do coletivo desses indivíduos, através das produções culturais próprias, muitas vezes, tidas como uma espécie de “vergonha de sua origem”.

De uma total invisibilidade de nossa pluralidade étnica, hoje precisamos nos entender diversos. Um novo desafio. Tenho a sorte de poder refletir sobre isso com as pessoas através das danças, expressões de corporalidades que apreendo em pesquisas em campo, isto é, convivendo, dançando junto com os criadores.

A referência do campo nos traz a realidade de um trabalho realizado internamente e que é construído de forma gradual com a efetiva participação do corpo-sujeito. A pessoa abre mão de sua "auto-imagem" para receber em seu corpo o que for preciso e necessário, ciente de que as rédeas estão em suas próprias mãos. [...] Aceitando o conflito em seu corpo, ele poderá elaborá-lo e transformá-lo em poesia (Rodrigues, 1999:108).

Quando observamos os dançarinos tradicionais das danças folclóricas brasileiras - e diria, de várias culturas -, notamos que aquela resistência em ficar dançando horas a fio e, muitas vezes, executando movimentos bastante complexos, tem a ver, em minha opinião, com a relação simbólica de ligar "raiz com divino", mesmo que seja o divino riso, o divino desejo de se inscrever no movimento, de representar-se em dança. Isso leva a exigir do corpo uma flexibilidade das articulações, como essas fossem molas que precisam azeitar-se de intenção simbólica, que leva à física. Os centros sustentam os órgãos que precisam acompanhar os requebros, abandonando, mas sabendo voltar ao eixo central. Quando estamos preparando nossos corpos em aula, esta condução e conquista nos levam a preparar o corpo para o que, em análise do movimento da dança, precisamos, mentalmente organizar. Dizem Barba e Savarese:

[...] uma forma de se mover no espaço é uma manifestação de um modo de pensar: é o movimento do pensamento desnudado[...]. Se há treinamento físico, também deve haver treinamento mental. É necessário trabalhar na ponte que une as margens físicas e mentais do processo criativo. (1995:55).

Como tive uma formação em dança muito eclética, tento passar aos companheiros várias técnicas corporais, das mais superficiais às mais profundas de conhecimento do próprio corpo, sempre na intenção do "toque" em si e no outro, e na simbologia dos movimentos, da relação das partes do corpo, do corpo no espaço, das posturas retratadas nas danças e na mediação simbólica corporal entre "o céu e a terra". Rodrigues chama esta integração de "mastro votivo", tão presente nas manifestações populares. Segue aqui uma longa, mas bela citação:

A parte inferior do mastro liga-se à terra e a parte superior interliga-se com o céu. O corpo representa o próprio mastro festivo, em torno do qual ocorre o circuito energético. Na parte inferior do corpo-mastro, além do intenso contato dos pés na relação com o solo, a região do sacro exerce a sua força

em favor da gravidade através do cóccix. Através da imagem do cóccix - como fincar de mastro - a pelve participa do alinhamento do eixo-mastro. Os joelhos e os tornozelos [...] favorecem a descida para a terra [...] Como uma árvore - no duplo sentido do mastro que une o alto e o baixo - penetrando a terra, o corpo possibilita que a seiva percorra pelo seu tronco. A parte superior corpo-mastro está simbolizada pelo estandarte, mobilizando o etéreo espaço à sua volta e para além dele próprio. A partir da coluna o externo centraliza o estandarte. Como um tecido que se abre e fecha, a regido do externo mobiliza o espaço do emocional. Os braços e as mãos interagem na construção do mastro e da bandeira dinamizando as energias que estão acima. O ventre centraliza o encontro das forças, funcionando como a parte da manutenção. A coluna vertebral, que na sua parte inferior firmou o mastro na terra, na parte superior galga os céus impulsionando-se para o cume do mastro (Rodrigues,1997:44).

Através também da ludicidade, vamos construindo, desconstruindo, deformando, ou como dizem Barba e Savarese, sobre a ação dos executantes "criando uma forma extra-cotidiana de comportamento [...] que dilatam sua presença [...] são corpo-em-vida na ficção do teatro ou da dança (1995:81).

Nesta *performance-taller* que terei a alegria de propor a vocês, vamos experimentar a história de um Quilombo do Rio de Janeiro que através de sua dança o JONGO, luta pela demarcação das terras. Vamos cantar músicas do povo indígena KRAHO que reativou o seu desejo em aprender e repassar a sabedoria das sementes e não passou mais fome. Vamos dançar para os ORIXÁS afro-brasileiros tão preconceituados e que hoje fazem parte dos conteúdos programáticos dos currículos escolares. Vamos comemorar o baile das CIRANDAS, danças sapateadas de uma comunidade caiçara, de pescadores, que não mais dançava, mas que pelo incentivo de um projeto universitário (Companhia Folclórica do Rio-UFRJ) hoje tem apoio do Governo e está no corpo de cada criança. Vamos pisar com força no chão, na dança do COCO para amassar o barro e fazer um lugar para morar, comemorando os mutirões de solidariedade, ainda não totalmente esquecidos. E o que mais nos encantar!

E o grande desafio, proposta do evento, de reunir o que nosso grupo de trabalho estará discutindo e brincar! Agradeço essa oportunidade! VIVA!!

E como diz Salmon Rushdie sobre humanidade de hoje:

[...] celebra o hibridismo, a impureza, a transformação, que vêm de novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, idéias, políticas, filmes, músicas [...] alegre-se com os cruzamentos e teme o absolutismo puro [...] mistura um pouco disso com um pouco daquilo, é dessa forma que o novo entra no mando [...] “da mudança-por-fusão, da mudança-por-reunião. **É uma canção de amor para nossos cruzados eus** (Rushdie, ao defender seu polêmico romance *Versos Satânicos*, apud Hall, 2002:92).

REFERÊNCIAS

- BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola (1995). *A Arte Secreta do Ator - dicionário de Antropologia Teatral*. São Paulo: UNICET-UNICAMP.
- BARBOSA, Wallace de Deus e TEIXEIRA, Carlo Alexandre (2000). "O ritual como linguagem performática: tempo, improvisação e regimes de visibilidade". In: *Poiësis: Estudos de Ciência da Arte*, n.2. Publicação do mestrado em Ciência da Arte-UFF. Niterói-RJ: Madgráfica, p. 117-128.
- BARTHES, Roland (1970). *L'empire des signes* Genève: Skino.
- BIÃO, Armindo; GREINER, Christine (orgs)(1999). *Etnocologia - textos selecionados*. São Paulo: Anna Blume Editora.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (2005). "Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação". In: *Boletim Salto para o Futuro- Linguagens Artísticas da Cultura Popular*. Rio de Janeiro: TV Escola, março.
- CANCLINI, Néstor García (2000). *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP.
- CASCUDO, Luís da Câmara (1983). *Cultura e Sociedade - Pesquisas e notas de Etnografia Geral*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada.
- DUVIGNAUD, Jean (1970). *Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro: Forense.
- FRADE, Cascia (2006). "Universidade e cultura popular". In: *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, UERJ, v. 3, n. 1, p. 7-15.
- GABRIEL, Eleonora (2003). "*Escorrego mas não caio é o jeito que o corpo dá*" - as danças folclóricas como expressão artística de identidade e alegria. Niterói: UFF. Dissertação de Mestrado em Ciência da Arte-IACS.
- GABRIEL, Eleonora; ROBERTO, Frank Wilson (1999). "O Folclore na EEFD-UFRJ". In: *Coletânea do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos-UFRJ*. Rio de Janeiro: pp. 22-35.
- HALL, Stuart (2002). *A identidade cultural na pós-modernidade* São Paulo: DP&A Editora.
- HUIZINGA, Johan (2001) *Homo Ludens - o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- LIFSCHITZ, Javier Alejandro (2011). *Comunidades tradicionais e neo comunidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- MARTINS, Carlos Henrique dos Santos (2005). "Cultura popular urbana e educação: o que a escola tem a ver com isso?". In: *Boletim Salto para o Futuro- Linguagens Artísticas da Cultura Popular*. Rio de Janeiro: TV Escola, março.
- PAVIS, Patrice (2001) *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- RODRIGUES, Graziela (1999, 1997) "O bailarino-pesquisador-intérprete incorpora uma realidade gestual" In: *Etnocologia - textos selecionados* São Paulo: Anna blume Editora, pp. 105-108.
- _____. *O bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte-FUNARTE.

. **Eleonora Gabriel*

Mestrado em Ciência da Arte, Universidade Federal Fluminense

Especialização em Folclore Brasileiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ

Licenciatura Plena em Educação Física- UFRJ

Professora adjunto da Escola de Educação Física e Desporto- UFRJ, desde 1980

Coordenadora e diretora artística da Companhia Folclórica do Rio-UFRJ

Consultora da Escola de Formação de Professores Bilíngües do povo indígena Ticuna, Amazonas

Autora de vários artigos sobre Cultura Popular, Dança e Educação

**** PESQUISA SOBRE SI**

PESQUISA SOBRE SI

COMPANHIA FOLCLÓRICA DO RIO-UFRJ

Nome:

FOTO:

Email e cel:

Bairro:

A idéia é cada um construir uma árvore genealógica e suas curiosidades culturais e registrar em texto e imagem:

- 1) As nacionalidades e naturalidades de vocês, dos pais, avós, bisavós e ir até onde conseguir pesquisar.
- 2) Lembrar e ou perguntar o que cada uma dessas pessoas de sua vida e você gostavam de brincar ou brincam.
- 3) Lembrar e ou perguntar o que cada uma dessas pessoas de sua vida e você gostavam de dançar ou dançam.
- 4) Lembrar e ou perguntar o que sua família ou amigos faziam ou fazem nas festas de Natal, Carnaval ou Junina.
- 5) Contar alguma outra curiosidade como: alguém que faz um prato gostoso em determinada época do ano ou comemoração, lembrança de alguma música ou hábito especial, um costume religioso ou lúdico, uma superstição etc.
- 6) Procurar encontrar, na cidade ou no bairro onde nasceu ou vive ou trabalha, alguma manifestação ou festa da cultura popular: uma Folia de Reis, algum artesão, uma escola de Samba, um bloco, uma Festa Junina, um grupo de Hip Hop ou Funk, de devotos religiosos, um grupo de imigrantes ou de outro estado ou cidade brasileira etc.

No primeiro momento a gente acha que não vive nada disso, mas é só querer pesquisar sobre si que muita história vai brotar. Tem dado bons resultados e as pessoas, geralmente, se surpreendem com as descobertas e se sentem criadoras de cultura. Uma cultura muito

íntima que de tão natural, muitas vezes, não é valorizada como tal.

Se você não estiver em contato com ninguém da família, busque amigos, vizinhos. O importante é se divertir com a sua própria história e como ela está refletida no seu jeito de ser...ou não.

7) Contatos com Artes: talentos e experiências

8) Desejos Profissionais